

IDENTIDADES PERIFÉRICAS E RESISTÊNCIA: LUTAS DE GÊNERO ESCRITAS PELO *GRAFFITI* NO SÉCULO VINTE E VINTE E UM

Lucas Queiroz

Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Brasil
hyrulelinka@gmail.com

Ivana Lopes

Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Brasil
ivnicola@gmail.com

RESUMO

A pesquisa apresenta uma análise do graffiti, em especial o brasileiro, que aborda a luta das diferentes identidades de gênero tidas como periféricas que fogem ao modelo social do homem, hétero e cisgênero (pessoa que se identifica com o gênero declarado ao nascer). Apesar de existir vários estudos que enfatizam a relevância dessa arte - estabelecida como uma das linguagens presentes no ambiente citadino -, poucos estudos abordam a questão de gênero e sua especificidade estético-artístico e sociocultural, o que fomentou o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: gênero, graffiti, espaço urbano.

Este artigo tem como objetivo investigar se há uma maior participação de mulheres, entre outras manifestações de gênero, que utilizam o graffiti como uma forma de dar visibilidade a suas lutas, abarcando também uma análise sociopolítica da situação desses grupos sociais considerados como minorias, que lutam constantemente por direitos diversos e utilizam os muros como forma de resistência e espaço de reivindicação. A invisibilidade de identidades "periféricas" na sua história, como em toda a história do mundo, não é diferente. Embora haja um número considerável de publicações, livros e demais estudos especificamente sobre essa prática, quase não existem reflexões que dão ênfase sobre gênero (fig. 1), idade (fig. 2), etnia (fig. 3) e corpos (fig. 4). Ou seja: questões pertinentes ao tempo que nos tocou viver e que, recentemente, são analisadas. Pouco se sabe sobre a presença de mulheres grafiteiras/artistas no Brasil, quase não há também estudos voltados para a questão *queer*¹ no meio de intervenções urbanas. O que nos traz à tona, a importância de discutir tais "periferias sociais", o que pode resultar em um trabalho cuja importância se encontra na compreensão de novos percursos na crescente conquista de distintas e novas formas de ser que vão além da hegemonia falocrática no espaço urbano.

Falar de graffiti, na atualidade, significa dizer o que a maioria das pessoas já se convenceram do que ele aporta. "É o desenho bem acabado, com letras arredondadas, colorido"... Em geral, essa é a opinião das pessoas que o veem pelos muros e paredes das cidades mundo afora, porém esta arte urbana não trata somente disso. É verdadeiro que, ele é extremamente democrático, pois diferentes culturas, pessoas e classes sociais deixam-se seduzir pelo graffiti, transferindo sua marca na "pele" da cidade. A necessidade de um suporte (muro, parede, mobiliário urbano) junta-se ao desejo de alguém e...algo acontece ali: um texto que pode ser um desenho ou um escrito. Ao longo da história sempre estiveram presentes. Tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz. Eles resistem e insistem em fazer sua aparição. "O graffiti quer ser visto, quer deixar-se ver. Em última análise quer ser (ad)mirado." (Lopes, 1996: 31)

Outro aspecto que estimulou a pesquisa foi o interesse com relação a estética sociocultural, na qual o graffiti se insere. Ele fará sua mais brilhante aparição, isto é, tal como o conhecemos hoje, na década de 1970 do século passado e tem como antecedente, Maio de 68 francês. Fruto de uma revolução que alimentou-se da insatisfação de estudantes e operários que juntaram-se para dizer basta e armar suas barricadas em protesto à sociedade vigente na época. Nos anos setenta, surge no cenário novaiorquino a esfuziante mistura de cores, formas e letras que nascem nos trens e vagões do metrô, além de outras cidades em todos os continentes. Embora sua ocupação se iniciara por meio de muros entre outros espaços das metrópoles, conquistaram espaços privados como estabelecimentos comerciais e galerias de arte nos anos 80, quando houve a explosão dos graffiti que conhecemos na atualidade. Ao traçar uma pequena trajetória, percebemos que a maioria dos que se deixaram seduzir pela parede, foram jovens do sexo masculino. Portanto, uma vez mais enfatizamos a ideia de que devemos, através desta pesquisa, buscar um olhar mais reflexivo e inclusivo de outros gêneros, além do masculino, que trabalham com graffiti no cenário urbano.

O termo procede do italiano, mais precisamente, do verbo *graffiare* que significa rabiscar. Craig Castleman diz que: "[...] é empregado, em geral, para descrever muitos tipos de escritura mural. Dentre elas, se inclui as pinturas de certas cavernas

1. A palavra *queer* é traduzida por estranho, excêntrico, raro e extraordinário. Por muitos anos, o termo *queer* foi utilizado como insulto para se referir às pessoas que saíam dos padrões dos estereótipos normativos de gênero e de sexualidade da sociedade heterossexual e sua tradução literal deriva-se da palavra "estranho". Muitos indivíduos da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis) não confortáveis com essa atribuição ofensiva, retomaram o uso da palavra como uma forma de resistência. *Queer*, a partir dos anos 80, passou a ser utilizado como: um termo "guarda chuva" para utilizado para a comunidade lésbica, gay, bissexual e trans. Uma declaração política simbolizando orientações afetivo-sexuais que "quebram" os padrões binários, identidades de gênero potencialmente fluidas (que não apresentam somente uma compreensão de gênero, mudam de um para outro, não sendo necessariamente somente homem e mulher). Uma identificação de um complexo conjunto de comportamentos sexuais e desejos. Por exemplo, uma pessoa atraída por múltiplos gêneros se identifica como *queer*.

pré históricas, os latrinárias (as inscrições encontradas nos banheiros da antiga Roma) e toda sorte de mensagens políticas, sexuais, humorísticas que foram rabiscadas, pintadas ou marcadas nas paredes ao largo da história.” (Castleman, 1982: 11)

Interessante notar que as inscrições nas paredes e muros das cidades, povoados e banheiros públicos, como Castleman nos fala, continuam a existir quase que da mesma maneira como antigamente pois o que ali se faz presente são declarações/mensagens muito similares.

Denys Riout, conta-nos sobre a origem da palavra. Diz ele: “O termo origina-se do grego *graphein* (escrever, desenhar, pintar) e do latim *graffiare* (arranhar, rabiscar)” (Riout, 1986: 9). Ele ainda se aproxima do italiano *graffito* que, literalmente, significa arranhar. Esta última palavra designa uma forma de decoração parietal em homenagem ao Renascimento. Assim, *sgraffitar* seria o uso nobre do arranhar e seu contrário seria o *rabiscar*, ou seja, a escritura ou desenho traçado às pressas, sem cuidado e de forma grosseira. A pergunta que Riout nos coloca é: o belo e estético arranhão, com que se ornavam as fachadas, se degradou em vil graffiti?

A práxis de escrever nas paredes, como falamos antes, é muito antiga. Um exemplo são os escritos na cidade italiana de Pompéia que, soterrada pelo Vesúvio em 79 a.C., foi possível estudar seu modo de vida através do que diziam suas paredes. Interessante notar que os graffiti pompeianos eram praticados por quase toda a população, sem distinção de classes e identidades: homens, mulheres, ricos, pobres, escravos e crianças. Toda a história da cidade é conhecida graças a esses trabalhos encontrados. De acordo com Kristina Milnor², mais de 11.000 imagens de graffiti foram encontradas em Pompéia, e mostramos muito sobre o tamanho da população da cidade e, principalmente o quão importante era para os cidadãos da referida cidade, a comunicação e a forma de expressar-se através dos escritos nas paredes.

O graffiti carrega consigo o anonimato e a transgressão. Ainda hoje, ele não perde estas características. No entanto, ele está repaginado. Desde que o homem fazia seus rituais, nas paredes das cavernas e grutas, mais tarde, as paredes dos banheiros públicos, muros e muralhas das cidades, são objetos de desejo para ali marcar um nome, um aviso, uma crítica, uma paixão.

Nova York, anos 70 (século XX). Um movimento cultural juvenil proveniente das minorias (população negra e periférica) se manifesta utilizando o graffiti como segmento de extensão da identidade desses jovens, ou seja, estampando em diversos locais, assinaturas (tags) caracterizando o indivíduo que fazia, ao mesmo tempo em que conseguia também manter o anonimato, para aqueles que eram espectadores. Utilizavam-se dos muros, metrô, entre outras paisagens do cenário urbano daquele período. Eis o nascimento de escritores ou *writers*. O exemplo mais significativo neste período é a inscrição *Taki 183*, em diversos muros nova-iorquinos, cujo garoto de 17 anos começou a escrever em inúmeros lugares a mensagem. Seu nome era Demetrius seu apelido, “Taki” e 183 era a rua onde vivia. Ele trabalhava entregando cartas e viajava constantemente de metrô de um lado a outro da cidade. Neste trajeto, ele “estampava” essa inscrição em todos os lados, dentro e fora dos vagões. Ao responder as perguntas feitas em uma entrevista para o *New York Times*, ele afirmou que “Simplesmente era algo que tinha que fazer. Trabalhava, pagava seus impostos e não prejudicava ninguém”³. Por seus atos, muitos o consideraram como herói e, pouco depois centenas de jovens começaram a imitá-lo (alguns grafiteiros com destaque daquela época foram: *Frank 207*, *Chew 127*, *Julio 204* e *Barbara 62*). Nos finais dos anos setenta, o graffiti alcança suas cotas mais altas com a iconografia popular, diversos desenhos de personagens, retratos, auto-retratos e outras diversas incorporações de caligrafias. Tal amplitude deste meio de expressão levou a uma grande competição entre seus praticantes (as conhecidas guerras de estilo), desembocando em alianças entre grafiteiros, com objetivo dos grupos permanecerem mais fortes e ganhar destaque e respeito entre os demais.

Porém a prática logo é associada ao vandalismo. No começo dos anos 80, a *Metropolitan Transit Authority* - MTA de *New York*, começa a reforçar sua luta contra eles, instalando câmaras nos vagões do metrô, recobrando com pintura resistente, aumento da vigilância nos locais, etc. A partir daí começaram a surgir diversas campanhas “anti-graffiti” por meio de cartazes, propagando o conceito de negatividade dessas imagens. É importante lembrar que quase todas as cidades lutam, até hoje, contra os desenhos e escritos nas paredes. Existem leis municipais que não admitem a prática e a consideram inadequada.

Nas décadas de 80 e 90, o graffiti acaba por se espalhar pelas grandes cidades do mundo, principalmente do mundo ocidental. É a sua legitimação como arte urbana. Cabe dizer que nos anos 70, os escritos de cunho político foram combatidos, veementemente, pelas ruas da América do Sul devido à política ditatorial. No entanto, aqueles escritos amorosos ou de outra tipologia não eram tão perseguidos posto que não iam de encontro ao que os dirigentes faziam. No Brasil, os graffiti tal como o conhecemos hoje, aparecem como uma forma de inscrição política e crítica ao governo militar e ditatorial dos anos 60 do século XX. Expressaram-se por meio de fortes representações visuais urbanas, como uma forma de opinar sobre o sistema e a realidade vivida naquele período. Constituiu-se um movimento de contracultura, transgredindo espaços oficiais de exposição artística controlados por empresas capitalistas. Nos anos 90, em São Paulo, novos grupos surgiram, assim como em outros lugares do país. Ao usar a pichação como uma forma de identificação (na tentativa de conquistar territórios no meio urbano), que diferenciada suas inscrições de outros grupos da cidade. Com o graffiti cada vez mais se espalhando pelos centros urbanos, a repressão do Estado também foi crescente.

Na entrada do século XXI, a prática passa a ser reconhecida pelo governo federal como elemento artístico feito mediante autorização de outrem, por meio do parágrafo do art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998:

2. Milnor, K. (2014). *Graffiti and the Literary Landscape in Roman Pompeii*. Oxford: Oxford UP.

3. *Taki 183' Spawns Pen Pals*. (1971). Nueva York: The New York Times. Disponible en: <http://graphics8.nytimes.com/packages/pdf/arts/taki183.pdf> [acceso 17/6/2016].

“(…) § 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional”.⁴

Após o sancionamento desta lei, a técnica do graffiti tem se deslocado dos espaços públicos para o interior de casas e ambientes privados, deixando de ser considerada uma prática totalmente ilegal, conquistando o recente status de manifestação artística, estabelecendo no circuito oficial das artes, ganhando cada vez mais notoriedade em museus e galerias. Porém, não carrega mais o elemento de desobediência, somente ilustrações elaboradas possuem maior reconhecimento, evoluindo posteriormente para verdadeiras pinturas de murais. Há uma forte separação do que é considerado como “bonito” e “feio” após essa tentativa de “neutralizar” a potencialidade de transgressão que ele carrega, junto com a proibição de venda de *sprays* e aerossóis para menores de dezoito anos. Para uns, este acontecimento possui uma grande relevância até mesmo por um aumento de estudos acadêmicos sobre a prática no Brasil, para outros, perde-se completamente o significado de violação que o graffiti abarca no cenário urbano.

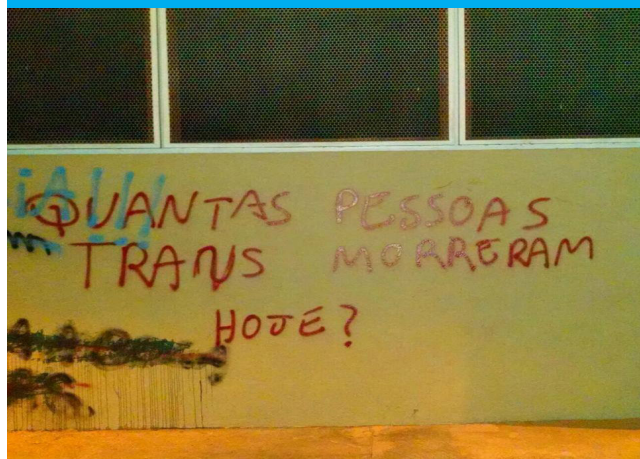
Muito pouco observamos no campo de estudo desse tema no Brasil, com produção vigente de gêneros considerados como oprimidos pelo sistema social patriarcal presente, como feminino e identidades abarcadas pelo termo “guarda-chuva” *queer* (este segundo não foram encontrados, no Brasil, autorias individuais que conquistaram visibilidade com este trabalho visual, somente escrituras anônimas). É extremamente importante falar sobre o patriarcado e as consequências geradas sobre esses gêneros “periféricos”. Para a filósofa Judith Butler, de fato existe uma forte noção binária imposta na sociedade, que se caracteriza somente em dois tipos de identidade, masculino e feminino. Este último, tratado de forma totalmente descontextualizado e politicamente separado dos eixos de relação e poder:

“[...] A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constitui, a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade” (BUTLER, 1990: 21). Logo, esses domínios de exclusão servem não somente sobre gênero feminino, mas para outras “periferias”, gerando inúmeros comportamentos reguladores como por exemplo, dar uma grande visibilidade somente a elementos artísticos produzidos por homens héteros e cisgêneros.

O constante crescimento do capitalismo e da urbanização teve grandes consequências como a separação do ambiente doméstico e o urbano, radicalizando e dando um novo sentido à distinção do público e do privado. Às mulheres de classes economicamente mais baixas, foram impostos deslocamentos físicos da casa para o laboral. Apesar de passarem a exercer as mais diversas atividades fora do ambiente doméstico, ainda foram consideradas como menos importantes, mesmo com tarefas idênticas as dos homens, os salários eram mais baixos, e ainda hoje, existem atividades rotuladas de “masculinas” e “femininas”. Quando exercidas por outras identidades periféricas, causam muito estranhamento pela sociedade.

Identidades *queer* sofrem com uma grande pressão social por não se adequar aos padrões de gênero e sexualidade estabelecidos pela sociedade. Percebemos essa discriminação nos índices baixos de contratação em empregos diversos. A população LGBT, em grande parte, expulsos (ou fuga) da casa de familiares, vítimas de agressão física e verbal, sofrem com falta de apoio de entidades públicas governamentais nas áreas de saúde, jurídica, educacional entre outras. Essa série de fatores contribui cada vez mais para um alto índice de invisibilidade desses grupos em nossa sociedade, não somente a brasileira, mas o fato se repete em diversos territórios do planeta.

Figura 1. Quantas pessoas trans morreram hoje?. (2016). Recuperado de: <http://queergraffiti.tumblr.com/post/130826284856/backobama-rio-de-janeiro-brazil-quantas> [acesso: 29 junho 2016].



4. Ley Nº 12.408. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Presidência da República. Casa Civil, Brasília, República Federativa de Brasil, mayo de 2011.

Para detalhar uma realidade maior vivenciada por tais “periferias”, importante trazer à tona recentes dados coletados sobre a violência gerada a esta parcela da sociedade brasileira:

Entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762, Dessas 4.762 mortes em 2013, 13 representam homicídios femininos diários.

Esses dados possuem relação com racismo, houve um aumento de homicídio de mulheres e meninas negras de 2, 9% em 2003 para 66, 7% em 2013. Nessa década, houve um aumento de 190, 9% de vítimas negras, índice resultante da relação entre as taxas de mortalidade brancas e negras.

Muitos estados as taxas de violência aumentaram, como Roraima, as taxas quadruplicaram (343, 9%), a Paraíba, o número de vítimas entre 2003 e 2013 triplicaram (229, 2%).

Outros dados não mais surpreendentes revela a condição da população trans e travesti, pois muitos indivíduos desta parcela da sociedade sequer possuem direitos humanos básicos. Esta situação se leva em conta principalmente da forma como nossa sociedade trata esses grupos sociais, vejamos dados:

51% (689) dos homicídios de pessoas trans na América Central e do Sul ocorreram no em nosso país. De acordo coma pesquisa de 2013 do IBGE, a expectativa de vida desse grupo social não passa de 35 anos de idade, menos da metade da média nacional de 74, 9 anos da população em geral brasileira.

Só nos primeiros 31 dias de 2016, segundo o grupo Quem a homofobia matou hoje?, pelo menos 30 pessoas da comunidade LGBT foram assassinadas, sendo nove delas trans.⁵

De acordo com Cris Stefanny, presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (Antra), 90% das travestis são obrigadas a sobreviver com a prostituição, pois não há mercado de trabalho que as aceitem por conta do preconceito.⁶

Percebemos então, por meio dos dados apresentados acima, que o Brasil não consegue ainda amparar o mínimo de direitos a esses grupos sociais, que dirá promover maior visibilidade dos mesmos não só no graffiti, mas em outras práticas artísticas também.

A importância do graffiti como parte de lutas de “periferias” se diz muito pela sua forma idealizadora. Essa importância existe, também, na figura *queer*, esses grupos se colocam à frente de causas que buscam a equidade de direitos e respeito. Pessoas que se sentem contempladas e se identificam com tais ideais, buscam obter informações para enfrentar problemáticas do cotidiano, como os preconceitos da sociedade patriarcal, ainda, vigentes.

O graffiti também pode ser uma importante ferramenta em estudos sobre semelhanças e diferenças de gênero. Um bom exemplo, são as inscrições feitas em banheiros públicos, vemos uma grande diferença na forma de linguagem verbal por homens, mulheres entre outras identidades e orientações afetivo-sexual, apontando a importância dos mesmos para a compreensão de diferenças e atitudes sexuais. Populações LGBT encontraram também a esfera reservada de um banheiro, como um canal de anonimato seguro, e ideias podem surgir sem censura externa. Isso mostra que os escritos de banheiros públicos abordam uma luta por visibilidade de minorias *queer* e podem revelar também fantasias trazidas para um local que permite a leitura dessas inscrições por um grande número de pessoas, sem correrem riscos demasiados de repressões como xingamentos, agressões físicas e até mesmo, morte.

São muitas as pessoas que se utilizam do graffiti no cenário urbano brasileiro e que sofrem discriminação, racismo ou violência sexual, sob forma de assédios verbais e de atitudes invasivas. Como todas as práticas imagéticas e artísticas, a presença de mulheres e outros gêneros possuem grande dificuldade apenas pelo fato de não se centralizar no enquadramento binário social. Percebemos, também, o grande potencial político que ele traz, desde temáticas complexas até mesmo as mais simples escrituras, podem gerar grande reflexão em um muro, entre outros suportes presentes nas cidades.

Pannela Castro (conhecida como Anarkia Boladona) é uma grafiteira bastante conhecida internacionalmente (recebeu prêmios em 2012 como o *DVF Awards*, premiação anual dado a mulheres que lutam para diminuir a violência e a injustiça de gênero, criado pela estilista Diane Von Fürstenberg), e utilizou-se dessa prática para conscientizar outras pessoas sobre sexualidade, condição feminina, direito das mulheres e violência doméstica. Ela própria sofreu violência doméstica, quando sequer a lei Maria da Penha existia no Brasil (lei sancionada em 7 de agosto de 2006, que busca a eliminação de todas as formas de discriminação, coibindo e prevenindo a violência doméstica e familiar contra mulheres, independente de classe, raça, etnia, orientação sexual, cultura, nível educacional, idade e religião⁷). Fez do graffiti uma ferramenta para que outras

5. Aiselfisz, Julio. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Disponível em: http://www.mapadaviolenca.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf [acesso: 18 mayo 2016].

6. Anônimo. (2015). *A invisibilidade das pessoas transgêneros no Brasil*. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/a-invisibilidade-das-pessoas-transgêneros-no-brasil/> [acesso: 17 julio 2017].

7. Ley Nº 11.340. *Lei Maria da Penha*. Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Congresso Nacional, Brasília, República Federativa de Brasil, agosto de 2006.

mulheres também pudessem ter acesso a conscientização de seus direitos. Em 2011, fundou a “Rede Nami”⁸, uma ONG que utiliza a arte urbana, focando na prevenção da violência doméstica. Só em 2014, mais de cinco mil mulheres participaram das suas oficinas da Rede.

Mag Magrela é uma artista paulistana, que além do graffiti, também produz trabalhos como pintura em tela, esculturas em argila, bordados, azulejos e escreve poesias. Se inspira na euforia urbana da capital de São Paulo, o cotidiano, o profano, a resistência e o feminino. Ela cria um contraste de cores que enaltece a arquitetura cinza da cidade e também tenta expressar tudo o que incomoda em relação à sociedade. Em uma entrevista para a revista *Cult*, ao perguntarem se há diferenças na apreensão de homens e mulheres, Mag conta: “Quando eu expesso o que sinto como mulher, a dor faz com que as mulheres se identifiquem com aquilo. [...] Elas acham maravilhoso; já os homens acham forte demais. Até se incomodam um pouco”.⁹

Tainá Lima (conhecida como Crioula), é uma grafiteira mineira que explora cores e elementos abstratizados em suas obras. Além disso, utiliza a arte urbana como forma de luta política para fortalecer mulheres negras. Os escritos e as expressões encontradas nas ruas chamaram sua atenção desde criança. Em 2008 ela ingressou para uma escola de arte, e, um pouco mais tarde, começou a fazer suas próprias obras. Afirma que o graffiti chega onde a arte convencional não se atreve a passar, em locais em que uma grande parcela da população de classe baixa habita e o Estado somente age para reprimir.

Ela conta que foi criada na periferia, e já sofreu muito preconceito por ter cabelo afro. Tal vivência se reflete em suas produções. A artista acredita que o graffiti, por se encontrar, ainda, em um campo social de marginalidade, se constitui em uma poderosa arma para impor representatividade. “A figura da mulher negra é forte no meu trabalho porque é fruto do que eu vivo”.¹⁰

Evelyn Queiroz (paulistana muito conhecida pela sua personagem, *Negahamburger*), denuncia situações de opressão e preconceito sofrido por mulheres. Em uma entrevista para a Secretaria Nacional da Juventude, ela conta:

“Uso o graffiti como uma ferramenta de combate a violência contra a mulher, padrões impostos e direitos que queremos sobre nossos próprios corpos. O graffiti está nas ruas e a minha intenção é dialogar com mulheres que pela correria ou pela falta de oportunidade não tem acesso a informações.”¹¹

Como podemos perceber, o graffiti continua a resistir e insistir... E, agora, ele também mostra uma maior interface com os movimentos sociais e vários grupos que possuem o desejo de libertarem-se dos pré conceitos existentes, em uma sociedade misógina, patriarcal e, ainda, com a idealização/tiranização de uma eterna juventude. Pessoas mais velhas, em Portugal, empunham suas armas para reivindicar seu espaço na urbe. Com *sprays* e latas de tinta...; mulheres afegãs recobrem os muros de cidades destruídas em seu país; no Brasil, várias mulheres tratam de questões pertinentes como o combate ao racismo, aceitação do corpo, ao ser diferente.

Figura 2. Graffiti produzido pela afegã Malina Suliman. (2013). Recuperado de: <https://www.facebook.com/Malooa3/> [acesso: 29 junho 2016].



8. Mite, Juliana. (2016). *Com o graffiti, elas se tornaram mais fortes*. Disponible en: <http://azmina.com.br/2016/04/com-o-graffiti-elas-se-tornaram-mais-fortes/> [acceso: 17 julio 2016].

9. Soutello, Gabriela, Hom, Patrícia. (2014). *Com o graffiti, elas se tornaram mais fortes*. Disponible en: <http://azmina.com.br/2016/04/com-o-graffiti-elas-se-tornaram-mais-fortes/> [acceso: 17 julio 2016].

10. Eiroa, Camila. (2015). *Conheça a grafiteira Crioula*. Disponible en: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/conheca-a-grafiteira-crioula> [acceso: 29 junio 2016].

11. Anônimo. (2015). *No dia do Grafite, Negahamburger vê arte urbana como luta contra opressão de gênero*. Disponible en: <http://juventude.gov.br/juventude/noticias/no-dia-do-grafite-negahamburger-ve-arte-urbana-como-luta-contr-opressao-de-genero> [acceso: 30 junio 2016].

Figura 3. Idosos praticando graffiti em workshop realizado pelo projeto "LATA65" em Lisboa. (2015). Recuperado de: <http://www.zupi.com.br/idosos-se-reunem-em-lisboa-para-fazer-graffiti/> [acesso: 29 junho 2016].



Figura 4. Graffiti produzido pela brasileira Evelyn Queiroz. (2013). Recuperado de: <https://www.facebook.com/pg/olanegahamburger/photos/> [acesso: 29 junho 2016].



A sociedade marcada por diversas relações discriminatórias e excludentes, cujos espaços para voz e expressões do pensamento de grupos periféricos ainda são escassos, acabam por favorecer as escritas nos muros e revelam vários elementos de resistência que buscam a inclusão do discurso e de sua identidade no meio sociocultural, daqueles que se deixam seduzir pelas paredes.

Em vista disso, acreditamos que o graffiti se reinventa com o passo do tempo. Aprendamos com ele, pois.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aka, Eric, Cia, Deal y One, Spar. (1998). *History of Graffiti pt 1*. Disponible en: <http://www.daveyd.com/historyofgraf.html> [acceso: 29 junio 2016].
- Almeida, Susana, Oliveira, Susana y Costa, Rosa Maria. (2005). *O Graffiti: Uma Perspectiva de Comunicação na Educação*. Disponible en: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/almeida-oliveira-costa-graffiti-perspectiva-comunicacao-educacao.pdf> [acceso: 29 junio 2016].
- Bento, Berenice. (2014). *Queer o quê?: Ativismo e estudos transviados*. Disponible en: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/10/queer-o-que-ativismo-e-estudos-transviados/> [acceso: 29 junio 2016].
- Butler, Judith. (2010). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Caló, Flávia Camerlingo. (2005). *Questões etimológicas sobre os termos: Grafite e Pichação*. Fórum de Pesquisa Científica em Arte, 3, 247 - 256.
- Castleman, Graig. (2012). *Los Graffiti*. Madrid: Capitán Swing.
- Cazarré, Marieta. (2015). *Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho*. Disponible en: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de-trabalho> [acceso: 18 mayo 2016].

- Cesar, Chavez. (Sin fecha). *Gender Equity Resource Cent. What does queer mean?*. Disponible en: <https://www.ocf.berkeley.edu/~geneq/docs/infoSheets/Queer.pdf> [acceso: 18 mayo 2016].
- Cortêz, Natacha. (2012). *Anarkia Boladona*. Disponible en: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/anarkia-boladona> [acceso: 18 mayo 2016].
- Furtado, Janaina, Zanella, Andréa. (2009). *Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos*. Disponible en: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n4/10.pdf> [acceso: 29 junio 2016].
- Anónimo. (Sin fecha). *Graffiti*. Disponible en: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3180/graffiti> [acceso: 29 junio 2016].
- Anónimo. (2013). *Grafite Arte: Um preconceito superado*. Disponible en: <https://grooveurbana.wordpress.com/2013/11/26/grafite-arte-um-preconceito-superado/> [acceso: 18 mayo 2016].
- Honorato, Geraldo. (2009). *Grafite: da marginalidade às galerias de arte*. Disponible en: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf> [acceso: 29 junio 2016].
- Lopes, Ivana. (1996). *Los Graffiti: un saber alternativo* (tesis de doctoral). Departament D'història de L'art, Universitat de Barcelona, Barcelona.
- Luz, William. (2009). *Grafite Arte: um preconceito superado?*. Disponible en: <http://jpress.jornalismojunior.com.br/2013/08/grafite-arte-preconceito-superado/> [acceso: 18 mayo 2016].
- Matuoka, Ingrid. (2016). *Caminhada trans: de que lado você está*. Disponible en: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulheres-e-homens-trans-na-luta-por-seus-direitos> [acceso: 18 mayo 2016].
- Pilny, Susanna. (2016). *Why ancient Roman graffiti is so important to archaeologists*. Disponible en: <http://www.redorbit.com/news/science/1113411831/why-ancient-roman-graffiti-is-so-important-to-archaeologists-010516/> [acceso: 29 junio 2016].
- Pinheiro, Rafael. (2015). *O grafite como expressão de arte e pensamento coletivo*. Disponible en: http://lounge.obviousmag.org/hora_critica/2015/03/o-grafite-como-expressao-de-arte-e-pensamento-coletivo.html [acceso: 29 junio 2016].
- Anónimo. (Sin fecha). *Queer Graffiti*. Disponible en: <http://queergraffiti.tumblr.com/> [acceso: 29 junio 2016].
- Riout, Denys. (1986). *Le Livre du graffiti*. Paris: Alternatives.
- Waiselfisz, Julio. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Disponible en: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf [acceso: 18 mayo 2016].

CURRÍCULOS

Lucas Silva Queiroz

Formado em computação gráfica no curso profissionalizante da SAGA- School of Art, Game and Animation, graduando bacharelado (com ênfase em História, Teoria e Crítica) em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande -FURG. Atualmente realiza monitoria das disciplinas Introdução ao Design Gráfico e História, Teoria e Crítica da Arte, curso de Artes Visuais.

Ivana Maria Nicola Lopes

Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutorado em História da Arte pela Universidade de Barcelona (UB). Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras- Mestrado e Doutorado em História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande FURG).